

ENCONTROS COM JOÃO 5

Decisão perante Jesus (11,1-12,50)

Percurso Narrativo Anterior

➤ **Introdução:**

- 1,1-18 Prólogo: apresentação geral do projeto de Deus, revelado em Jesus
- 1,19-51 Início do evangelho: apresentação e Jesus por João Batista; Primeiros discípulos.

➤ **2,1-12-50 O livro dos sinais**

2,1-4,54 Os primeiros sinais: Bodas de Caná (2,1-11); Denúncia do templo; Nicodemos (2,12-3,21); Samaritana (4,1-42); Caná, cura do filho de um funcionário real (4,43-54).

5,1-10,42 Acolhimento e Rejeição: Cura de um paralítico (5,1-18); Autoridade de Jesus (5,19-47); O Pão da vida (6,1-71); Crise e Fé dos discípulos (6,60-71).

7,1-10,42 Decisão perante Jesus: Na festa das tendas: A água viva e a promessa do Espírito; rejeição das autoridades (7,1-52); A mulher adúltera (8,1-11); Jesus, luz do mundo; A verdadeira liberdade; Jesus e Abraão (8,12-59); Luz e cegueira: Cura de um cego (9,1-41); Jesus Porta e Bom Pastor (10,1-42).

HOJE:

➤ **11,1-12,50 Os últimos sinais**

- 11,1-46 O amigo Lázaro e a sua família, Marta e Maria
- 11,47-57 Conspiração para matar Jesus
- 12,1-11 Unção em Betânia
- 12,12-19 Entrada messiânica em Jerusalém
- 12,20-36 Gregos procuram ver Jesus; Chegou a “Hora”
- 12,37-50 Incredulidade e julgamento (Conclusão do livro dos sinais)

11,1-12,50 Os últimos sinais

11,1-46 O amigo Lázaro

(Mt 9,18-19.23-26; Lc 7,11-17; 8,40-42.49-56)

11,1-16 JESUS, LÁZARO E OS DISCÍPULOS

11,1 Lázaro, de Betânia, a povoação de Maria e de sua irmã Marta, estava doente. **2** Maria, era aquela que tinha ungido os pés do Senhor com perfume e lhos enxugara com os seus cabelos. Era o irmão dela que estava doente. **3** Então, as irmãs mandaram dizer a Jesus: «Senhor, aquele de quem és amigo está doente.» **4** Ouvindo isto, Jesus disse: «Esta doença não leva à morte, mas é para a glória de Deus, a fim de que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus.»

5 Jesus amava Marta, sua irmã e Lázaro. **6** Mas, quando recebeu a notícia de que ele estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde se encontrava. **7** Só depois é que disse aos discípulos: «Vamos outra vez para a Judeia.» **8** Disseram-lhe os discípulos: «Rabi, ainda há pouco os judeus queriam apedrejar-te, e Tu queres ir outra vez para lá?» **9** Jesus respondeu: «O dia não tem doze horas? Se alguém anda de dia, não tropeça, porque tem a luz deste mundo. **10** Mas, se andar de noite, tropeça, porque a luz não está nele.»

11 Depois de dizer isto, acrescentou: «O nosso amigo Lázaro está adormecido, mas Eu vou lá para despertá-lo.» **12** Os discípulos disseram: «Senhor, se está adormecido, há de salvar-se!» **13** Jesus, porém, tinha falado da sua morte, ao passo que eles julgavam que falava do adormecimento do sono. **14** Então, Jesus disse-lhes claramente: «Lázaro morreu. **15** E eu alegro-me, por vossa causa, por não ter estado lá, a fim de que acrediteis. Mas vamos ter com ele.» **16** Tomé, chamado Dídimo [Gémeo], disse aos companheiros: «Vamos nós também, para morrermos com Ele.»

- ◆ A chamada de Lázaro à vida representa **o ápice do crescendo dos sinais de Jesus**, na primeira parte do evangelho. Os sinais de curas vão desde o filho do funcionário real em Caná que está em perigo de morrer (4,43-54); cura de um paraplégico, na piscina dos 5 pórticos (5,1-18); Cura de um cego (9,1-12) e concluem com a cura de Lázaro, que jazia no túmulo havia quatro dias. Assim, os sinais de cura confirmam a missão de Jesus como dador de vida, nas suas diversas manifestações, culminando com a superação da morte.
- ◆ Articulamos a narração em **quatro cenas**, segundo os espaços em que se desenrolam, com uma introdução e uma conclusão:

Introdução (11,1-3)

- a) Jesus, os discípulos e Lázaro (11,4-16);
- b) Encontro com Marta (11,17-27);
- c) Encontro com Maria (11,28-37);
- d) Lázaro libertado do sepulcro (11,38,44).

Conclusão (11,45-46)

INTRODUÇÃO (1-3)

- ◆ *1 Lázaro, de Betânia, a povoação de Maria e de sua irmã Marta, estava doente. 2 Maria, era aquela que tinha ungido os pés do Senhor com perfume e lhos enxugara com os seus cabelos. Era o irmão dela que estava doente. 3 Então, as irmãs mandaram dizer a Jesus: Senhor, aquele de quem és amigo está doente.*
 - A introdução à narração começa por apresentar **os personagens**: Lázaro e duas irmãs, Marta e Maria, esta última já conhecida de outra história do evangelho, como tendo ungido os pés do Senhor com perfume, o que, segundo a narração, voltará a acontecer (12,1-11). Trata-se de uma casa dos amigos de Jesus e esta relação de cordialidade e afeto perpassa toda a narração.
 - **Há outra Betânia**, do outro lado do Jordão, onde Jesus também se refugiou das ciladas das autoridades. A sua comunidade/casa, tem uma localização itinerante, segundo a dinâmica da sua missão.
 - **Lázaro estava doente** e os outros/outras membros da família (as irmãs) levam o problema a Jesus. Elas têm confiança nele, não dizem mais, não pedem, apenas apresentam a situação: *“Senhor, aquele de quem és amigo está doente”*. Não eram simplesmente dois amigos. Importante é que Jesus é amigo de Lázaro.
 - A ternura e a estima não estão simplesmente na relação entre Jesus e Lázaro, mas estende-se a toda a família. Aliás, **são as duas mulheres que conduzem a ação e são as principais interlocutoras** desta casa que acolhe Jesus e os discípulos.
 - O afeto das irmãs traduz-se, não apenas **em cuidar diretamente do irmão, mas também no apresentar a sua situação ao “Senhor”**, o nome de Jesus na oração da comunidade. Elas manifestam a sua confiança na presença do Senhor e amigo, por isso, sem o dizer, solicitam a sua intervenção.
 - **A fé/oração/contacto com Jesus fazem parte do cuidar e da gestão da doença** do irmão. Particularmente o que diz respeito à vida, em todos os seus aspetos, não pode ficar fora desta perspetiva e presença do Senhor da vida.

A) JESUS, OS DISCÍPULOS E LÁZARO (11,4-16)

- ◆ *4 Ouvindo isto, Jesus disse: Esta doença não leva à morte, mas é para a glória de Deus, a fim de que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus.*
 - Jesus começa por fazer um **percurso catequético com os próprios discípulos**, tal como fará, em seguida com as irmãs de Lázaro. Na realidade, este encontro é uma sucessão de encontros, com os discípulos, com cada uma das irmãs e com Lázaro, que passa do túmulo à reintegração na família.
 - E a primeira questão que Jesus levanta, de carácter geral tem a ver com **o papel de Jesus na questão da saúde e da morte dos seus amigos**. *“Esta doença não leva à morte”* apresenta uma visão contrastante com a urgência das irmãs e com sequência da narração.

- Não representa uma visão simplista e piedosa da situação. **Jesus usa o termo “morte” e “morrer” em dois sentidos.** Para ele e com a sua presença, também para os seus, a morte, em consequência da doença, de desastre ou outras circunstâncias não é o fim da vida. A verdadeira morte é estar longe do Senhor da vida.
 - Como acontece nos sinais – o paralisado (5,25s) ou o cego (9,3) – **a doença ou a fragilidade são objeto da atenção e da misericórdia de Jesus que cuida e salva.** Isso é o que Jesus chama a “glória de Deus”. Não se trata de uma encenação do poder de Deus, mas do seu ser, que se revela sobretudo como comunicação de vida e de misericórdia, um sinal do seu amor.
 - É igualmente nesse sentido que se fala na **glorificação do Filho do Homem.** Esta expressão aparece ligada à “hora” de Jesus se se aproxima. Será o momento de revelar a totalidade do amor de Deus presente em Jesus e no dom total da vida no Espírito, que se manifestarão quando Jesus for elevado.
 - É através dessa glorificação, como dom total da vida, que a doença/morte de Lázaro não é um processo de morte, como aniquilamento do amigo. **A presença de Jesus no processo, garante que a vida não se extingue.**
- ◆ *5 Jesus amava Marta, sua irmã e Lázaro. 6 Mas, quando recebeu a notícia de que ele estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde se encontrava.*
- A insistência **do amor (agapê) de Jesus para com a família dos seus amigos** dá a perspectiva de João sobre o sinal de Lázaro. Jesus ama os seus e dá-lhes a vida.
 - Esta ligação é estranhamente reforçada pela demora de Jesus de aceder ao apelo das duas irmãs: *“ainda se demorou dois dias no lugar onde se encontrava”.* Isto é, **dirigiu-se para o seu amigo “ao terceiro dia”.** Não vai simplesmente fazer uma visita de cortesia ou consolação, mas chega como aquele que dá a vida plena que possui, como morto e ressuscitado.
 - Na perspectiva das irmãs e de outros, **“Jesus não chegará a tempo” de salvar Lázaro** da morte. O sinal, porém, não significa livrar-se simplesmente da morte biológica – essa acontecerá sempre, agora ou mais tarde – o que Jesus vem fazer é **unir Lázaro e a família daqueles que ama ao seu próprio “percurso do terceiro dia”,** de morte e ressurreição.
- ◆ *7 Só depois é que disse aos discípulos: Vamos outra vez para a Judeia. 8 Disseram-lhe os discípulos: Rabi, ainda há pouco os judeus queriam apedrejar-te, e Tu queres ir outra vez para lá? 9 Jesus respondeu: O dia não tem doze horas? Se alguém anda de dia, não tropeça, porque tem a luz deste mundo. 10 Mas, se andar de noite, tropeça, porque a luz não está nele.*
- Tendo estabelecido este quadro geral, Jesus faz aos discípulos **uma catequese, como chave de interpretação** fundamental da sua missão de dar a vida. E, antes de mais, anuncia a sua decisão de regressar à Judeia.
 - Para os discípulos, este é **um projeto perigoso, dados os recentes conflitos e ameaças** de morte que tinham levado Jesus a afastar-se de Jerusalém. Para Jesus, porém, a perspectiva é outra. Ele não foge do rebanho, quando o lobo ataca, mas defende aqueles que são seus (10,11-13).

- A perspectiva de Jesus **sobre a vida e a morte radica-se na luz de que é portador**, como expressão da sua comunhão com o Pai. Era essa presença da luz, que era anunciada antes da cura do cego: *“Temos de realizar as obras daquele que me enviou enquanto é dia. Vem aí a noite, em que ninguém pode atuar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo”* (9,4s) A essa luz é que ele toma as suas decisões. Este é o convite que faz também aos seus discípulos: abram os olhos à presença de Jesus para não terem medo. Com ele presente, é sempre tempo de atuar e fazer da vida um dom.
- ◆ **11 Depois de dizer isto, acrescentou: O nosso amigo Lázaro está adormecido, mas Eu vou lá para despertá-lo. 12 Os discípulos disseram: Senhor, se está adormecido, há de salvar-se! 13 Jesus, porém, tinha falado da sua morte, ao passo que eles julgavam que falava do adormecimento do sono. 14 Então, Jesus disse-lhes claramente: Lázaro morreu. 15 E eu alegro-me, por vossa causa, por não ter estado lá, a fim de que acrediteis. Mas vamos ter com ele. 16 Tomé, chamado Dídimo [Gémeo], disse aos companheiros: Vamos nós também, para morrermos com Ele.**
 - À luz destas atitudes de vida é que Jesus apresenta aos discípulos a situação grave da saúde de Lázaro. Por isso lhe chama um adormecimento: *“O nosso amigo Lázaro está adormecido, mas Eu vou lá para despertá-lo”*. Para Jesus, **a morte biológica é um adormecer** que, através da sua presença – *“eu vou lá”* – conhece um despertar.
 - Ao chamar a Lázaro *“nosso amigo”*, **Jesus envolve também os discípulos no drama de Lázaro**. A comunidade não deixa ninguém sozinho, sobretudo na hora desse adormecer. Devem estar presentes, como as irmãs no cuidar, como irmãos na fé, para cuidar do adormecer e despertar.
 - Os discípulos **entendem literalmente as palavras de Jesus**, pois a sua perspectiva, como a das irmãs de Lázaro, ainda está ligada a uma noção de vida exclusivamente ligada à vida biológica. Mas Jesus desfaz os equívocos e anuncia a morte de Lázaro.
 - Jesus começa a interpretar a sua **demora de chegar à cabeceira do amigo doente**. Não se trata de um atraso, mas de uma revelação, para todos, a começar pelos discípulos.
 - A expressão de Jesus – *“alegro-me, por vossa causa, por não ter estado lá, a fim de que acrediteis. Mas vamos ter com ele”* – **não significa uma banalização do drama de Lázaro** e da família. Ele quer envolver os discípulos nesse drama, com toda a solidariedade (*“Vamos ter com ele”*), mas deseja que entendam ao que vão e possam colher o significado desse encontro de Jesus com a morte humana.
 - Os discípulos, **não parecem ter entendido toda a perspectiva de Jesus, mas seguem-no**, pela confiança no Mestre: *“Vamos nós também, para morrermos com Ele”*.

B) ENCONTRO COM MARTA (11,17-27)

17 Quando, pois, Jesus chegou, encontrou-o no sepulcro, havia já quatro dias. **18** Betânia ficava perto de Jerusalém, a cerca de quinze estádios [três quilómetros], **19** e muitos judeus tinham ido ter com Marta e Maria para as confortarem pelo seu irmão. **20** Logo que Marta ouviu dizer que Jesus estava a chegar, foi ao seu encontro, enquanto Maria ficava sentada em casa. **21** Marta disse, então, a Jesus: «Senhor, se cá tivesses estado, o meu irmão não teria morrido. **22** Mas, também agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Deus to

concederá.» **23** Disse-lhe Jesus: «O teu irmão ressuscitará.» **24** Marta respondeu-lhe: «Eu sei que ele há de ressuscitar na ressurreição do último dia.» **25** Disse-lhe Jesus: «Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. **26** E todo aquele que vive e acredita em mim jamais morrerá; nunca mais. Acreditas nisto?» **27** Ela respondeu-lhe: «Sim, Senhor, eu acredito que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo.»

- ◆ Os **diálogos com as duas irmãs são complementares** na narração. Têm uma parte comum que é constituída pela lamentação, quase crítica, a Jesus pela sua ausência quando Lázaro morreu. Mas, depois, o encontro com Marta centra-se no essencial da fé na Vida-Ressurreição, enquanto que, perante Maria, o diálogo concentra a atenção na dimensão humana e familiar do drama da morte, na presença de Jesus.
- ◆ **17** Quando, pois, Jesus chegou, encontrou-o no sepulcro, havia já quatro dias. **18** Betânia ficava perto de Jerusalém, a cerca de quinze estádios [três quilómetros], **19** e muitos judeus tinham ido ter com Marta e Maria para as confortarem pelo seu irmão.
 - Jesus chega a Betânia **quando já passou mais do que o terceiro dia** da morte de Lázaro. O quarto dia representa a confirmação da morte e o começo do desfazer-se do corpo físico e dos traços que marcam o seu relacionamento com os outros. Jesus confronta-se, pois, com a morte crua e nua e com o que isso significa para a própria pessoas e para os que a rodeiam.
 - **Muitas outras pessoas estavam lá** para apresentar pêsames e dar o conforto do luto às duas irmãs. Não é esse o propósito da vinda de Jesus. Ele não vem simplesmente chorar com as irmãs perante uma perda sem remédio. Por isso não veio ao funeral, nem entra na casa do morto, condicionada por todos os rituais do luto.
- ◆ **20** Logo que Marta ouviu dizer que Jesus estava a chegar, foi ao seu encontro, enquanto Maria ficava sentada em casa. **21** Marta disse, então, a Jesus: Senhor, se cá tivesses estado, o meu irmão não teria morrido. **22** Mas, também agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Deus to concederá.
 - **Jesus não veio ao funeral** nem para os rituais do luto. Traz uma missão muito mais importante, que é revelar a força revivificadora do amor do Pai.
 - Por isso, **Marta foi ter com ele fora da aldeia** e as suas palavras são de dor, desilusão e de velada crítica: “*se tivesses estado cá, o meu irmão não teria morrido*”. Ela aprendeu a confiar no poder de Jesus, conhece o seu carinho para com o seu amigo e a família. Por isso se torna difícil aceitar a “pouca sorte” ou a falta de atenção de Jesus de não ter estado lá, para que o irmão não morresse.
 - No entanto, ela **espera ainda que Jesus possa fazer o impossível**, que nem sabe nomear, porque Jesus tem acesso ao poder ilimitado de Deus, que se manifestou nos sinais que tem realizado em favor dos doentes e atribulados. Esta é a base da sua fé, mas, para o drama da morte, a fé tem de ir mais longe. Jesus veio para guiar o caminho de Marta, como guiara o de Nicodemos e da Samaritana ao encontro do Senhor da vida.
- ◆ **23** Disse-lhe Jesus: O teu irmão ressuscitará. **24** Marta respondeu-lhe: Eu sei que ele há de ressuscitar na ressurreição do último dia. **25** Disse-lhe Jesus: Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. **26** E todo aquele que vive e acredita em

mim jamais morrerá; nunca mais. Acreditas nisto? 27 Ela respondeu-lhe: «Sim, Senhor, eu acredito que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo.»

- O **primeiro passo desse caminho é a fé na ressurreição**, que Jesus lhe recorda: *“o teu irmão ressuscitará”*. Marta aceita esta verdade, difundida em Israel (mas que não é aceita concretamente pelo grupo dos saduceus). No entanto, isso parece-lhe uma realidade longínqua, que relega a ressurreição dos mortos para o fim dos tempos.
- **Jesus reorienta a fé de Marta**, a partir da nova realidade que é a sua vinda em carne humana, a sua encarnação vivificada pelo Espírito de Deus: *“Eu sou a Ressurreição e a Vida”*. Nos diálogos da água viva e do pão da vida, Jesus tinha explicado que não basta uma água qualquer nem um pão, mesmo multiplicado por ele, para ter a vida. É preciso um pão novo que é ele, na sua humanidade, que tem de ser acolhida, assumida e interiorizada. A partir daí, a vida já está presente: *“todo aquele que vive e acredita em mim jamais morrerá; nunca mais”*.
- Aqui, ao chegar **no “quarto dia”, que parece ser a afirmação da morte, Jesus anuncia já o primeiro dia da nova humanidade**, quando o Espírito já tiver sido derramado, como anunciara em 7,39: *“não havia ainda o Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado”*.
- Marta faz a sua **profissão de fé nesta presença de Jesus**, chamando já Senhor: *“eu acredito que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo”*.

c) ENCONTRO COM MARIA (11,28-37)

28 Dito isto, foi chamar sua irmã Maria e disse-lhe em segredo: «O Mestre está ali e chama-te.» 29 Assim que ela ouviu isto, levantou-se rapidamente e foi ter com ele. 30 Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas permanecia no lugar onde Marta lhe viera ao encontro. 31 Então, os judeus que estavam com Maria, em casa, para lhe apresentarem condolências, ao verem-na levantar-se e sair à pressa, seguiram-na, pensando que se dirigia ao túmulo para aí chorar. 32 Quando Maria chegou aonde estava Jesus, vendo-o caiu-lhe aos pés e disse-lhe: «Senhor, se cá tivesses estado, o meu irmão não teria morrido.» 33 Ao vê-la a chorar e os judeus que a acompanhavam a chorar também, Jesus ficou intimamente perturbado e comoveu-se. 34 Perguntou então: «Onde o pusestes?» Responderam-lhe: «Senhor, vem e vê.» 35 E Jesus chorou. 36 Diziam os judeus: «Vede como era seu amigo!» 37 Mas alguns deles diziam: «Então, ele que abriu os olhos ao cego, não podia também ter feito com que este não morresse?»

- ◆ *28 Dito isto, foi chamar sua irmã Maria e disse-lhe em segredo: O Mestre está ali e chama-te. 29 Assim que ela ouviu isto, levantou-se rapidamente e foi ter com ele. 30 Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas permanecia no lugar onde Marta lhe viera ao encontro. 31 Então, os judeus que estavam com Maria, em casa, para lhe apresentarem condolências, ao verem-na levantar-se e sair à pressa, seguiram-na, pensando que se dirigia ao túmulo para aí chorar.*
- Em Maria, **Jesus confronta-se com a casa/família do amigo defunto** e de todas as suas relações: *“os judeus que estavam com Maria”*. Por isso, este diálogo tem um tom muito diferente do anterior encontro com Marta.

- Quando Maria sai de casa, os acompanhantes **pensam que ia direta ao sepulcro**, mas ela vai antes ao encontro de Jesus que continuava à espera dela, pois *“ainda não tinha entrado na aldeia”*.
- **Jesus vem ao encontro dos seus amigos enlutados**, mas, também da parte deles, tem de haver um passo para ir ao encontro da fonte da vida. Sobretudo têm de sair do ambiente limitado do luto. Jesus conduzirá as irmãs e os seus relacionados até ao túmulo, para lhes abrir os olhos a outras perspetivas.
- ◆ *32 Quando Maria chegou aonde estava Jesus, vendo-o caiu-lhe aos pés e disse-lhe: Senhor, se cá tivesses estado, o meu irmão não teria morrido. 33 Ao vê-la a chorar e os judeus que a acompanhavam a chorar também, Jesus ficou intimamente perturbado e comoveu-se profundamente. 34 Perguntou então: Onde o pusestes? Responderam-lhe: Senhor, vem e vê. 35 E Jesus chorou. 36 Diziam os judeus: Vede como era seu amigo! 37 Mas alguns deles diziam: Então, ele que abriu os olhos ao cego, não podia também ter feito com que este não morresse?*
 - Ao chegar junto de Jesus, **Maria replica o lamento de Marta**. Jesus não repete a catequese anterior. Ao aproximar-se mais da realidade do sofrimento e da morte, ele tem sobretudo uma atitude de partilha dessa dor real pelo irmão que partiu e também pela aparente ausência de Deus deste drama fundamental da vida: *“ficou intimamente perturbado e comoveu-se profundamente”*.
 - Esta observação de João, juntamente com a seguinte – *“E Jesus chorou”* – mostram a **proximidade emocional natural de Jesus** perante a morte dos amigos, mas igualmente a visão da sua missão como o *“Cordeiro de Deus”*, que carrega as nossas dores e fragilidades.
 - É **a partir da revelação do seu papel de Filho de Deus**, e dador da vida, mas igualmente de Filho do Homem, próximo da fragilidade humana, que Jesus guia, agora, as irmãs e os que choram com elas para o túmulo do amigo.
 - Nos que seguem este trajeto, **há também uma divisão**, como tem acontecido em todos os sinais: Para alguns, a reação de Jesus é sinal de amor *“Vede como era seu amigo!”*. Noutros outros, porém, permanece a incompreensão inicial das irmãs: *“não podia também ter feito com que este não morresse?”*
 - **Jesus quer chegar ao túmulo do amigo** – *“Onde o pusestes?”* – mas deixa-se conduzir por aqueles que sofrem esta condição: *“Senhor, vem e vê”*. É como que o grito de toda a humanidade que pede que Jesus se inteire dos seus limites e do drama da morte.

D) LÁZARO LIBERTO DO SEPULCRO (11,38-46)

38 Jesus, de novo intimamente perturbado, foi até ao túmulo. Era uma gruta, com uma pedra a cobri-la. 39 Disse Jesus: «Tirai a pedra.» Marta, a irmã do defunto, disse-lhe: «Senhor, já cheira mal, pois já é o quarto dia.» 40 Jesus respondeu-lhe: «Eu não te disse que, se acreditares, verás a glória de Deus?»

41 Tiraram, então, a pedra. Jesus, levantando os olhos, disse: «Pai, dou-te graças por me teres escutado. 42 Eu sabia que sempre me escutas, mas disse isto por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que Tu me enviaste.» 43 Dito isto, bradou com voz forte: «Lázaro,

vem para fora!» 44 O que estava morto saiu de mãos e pés atados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário. Disse-lhes Jesus: «Desligai-o e deixai-o ir.»

45 Então, muitos dos judeus que tinham vindo a casa de Maria, ao verem o que Jesus fizera, acreditaram nele. 46 Alguns deles, porém, foram ter com os fariseus e contaram-lhes o que Jesus tinha feito.

◆ *38 Jesus, de novo intimamente perturbado, foi até ao túmulo. Era uma gruta, com uma pedra a cobri-la. 39 Disse Jesus: Tirai a pedra. Marta, a irmã do defunto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal, pois já é o quarto dia. 40 Jesus respondeu-lhe: Eu não te disse que, se acreditares, verás a glória de Deus?*

- É bem envolto **na sua identificação de amor, humano e divino, com a humanidade** que Jesus conduz agora um cortejo dos amigos, para o túmulo de Lázaro.
- A descrição corresponde **à imagem que o túmulo dá para a humanidade**: uma gruta escura (onde não há luz – cf. 11,9s). Com uma pesada pedra a separar o espaço dos mortos do mundo dos vivos. Maria acrescenta ainda um elemento fundamental: *“cheira mal”*, isto é, a presença agradável da vida, desapareceu e os traços relacionais tornam-se adversos e repulsivos com a morte.
- Neste momento difícil, **Jesus recorda a profissão de fé a que Marta já chegara**, para que possa ultrapassar a repugnância do sofrimento e da morte: *“Eu não te disse que, se acreditares, verás a glória de Deus?”*. Esta sua palavra é a base para ver no gesto de Jesus um sinal e não apenas um episódio ocasional e pontual de misericórdia.

◆ *41 Tiraram, então, a pedra. Jesus, levantando os olhos, disse: Pai, dou-te graças por me teres escutado. 42 Eu sabia que sempre me escutas, mas disse isto por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que Tu me enviaste.*

- **Retirar a pedra é feito por ordem de Jesus**: *“Tirai a pedra!”*. A execução da ordem é retardada pela observação de Marta. Para ela e para os restantes, esse domínio da morte é de respeito para com os que partiram, mas está igualmente marcado pelo confinamento da vida terminada. Não pode haver contato. É essa primeira barreira que agora cai, por ordem de Jesus. É como se dissesse: Não continuem a ter como acabados e esquecidos os que partiram. Retirem as barreiras da vossa memória, pois eles vivem em Deus.
- Precisamente **a Deus se dirige Jesus na abertura do domínio dos mortos**, a fim de lhe dar graças, porque o escuta. E é importante que esta comunhão entre Jesus e o Pai seja entendida por todos, não para vaidade de Jesus, mas porque esse é o elo da vida.
- É a partir da **compreensão de Jesus como Enviado do Pai** que o chamar Lázaro do túmulo para fora é palavra eficaz e tem valor de sinal para todos.

◆ *43 Dito isto, bradou com voz forte: Lázaro, vem para fora! 44 O que estava morto saiu de mãos e pés atados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário. Disse-lhes Jesus: Desligai-o e deixai-o ir.*

- **A palavra de Jesus é de libertação**: *“Lázaro, vem para fora!”*. Só ele pode dar esta palavra de libertação. Tinha dado outros sinais de libertação das incapacidades e da liberdade, na cura do paralítico, do cego, até do perigo de morte do filho do funcionário real; mas libertar

do reino da morte definitiva, é algo que está para além de qualquer capacidade humana. Só o Filho de Deus se pode colocar assim diante do túmulo e erguer a voz.

- O aspeto do morto chamado à vida denota o modo de sepultar daquela época, em que o morto era envolvido em ligaduras, como uma múmia e coberto com um sudário na cabeça.
- Mas **o evangelista apela a um outro sentido**, através da palavra de Jesus: *“desligai-o e deixai-o ir”*, dirigida à família/comunidade. De certo modo, a palavra de Jesus assemelha-se à ordem dada ao paralisado: *“Levanta-te, pega na tua enxerga e caminha”* (5,8). Com o paralisado tratava-se da liberdade e dignidade da vida. Aqui, a palavra de Jesus tem um sentido muito mais radical. Para o que estava morto, a Palavra de Jesus é sobretudo o sair da habitação dos mortos, para a vida.
- Mas, **a palavra dirige-se igualmente à família/comunidade**, que tem necessidade de desconfinamento mental, espiritual e de fé perante a morte: Libertem do vosso coração os laços da morte. Deixem ir livres os que partiram fiados na fé e na Palavra da vida. Eles vivem uma outra etapa do viver, junto de Deus. Desatem essas ligaduras e deixem-nos ir. Evidentemente é igualmente um convite a dar um novo sentido à própria existência, à imagem da atitude de Jesus, que abre novos horizontes à vida humana.
- O sinal maior de Jesus, **já na iminência da sua Páscoa revela a função destes sinais**. Lázaro voltou à vida e reintegrou-se na sua família. A narração evangélica é clara (cf. 12,10s) sobre a realidade do sinal que leva alguns à fé. Mas, sem a fé-adesão da mente e do coração, é estéril e insignificante, mesmo o regresso de um morto à vida.
- **Lázaro voltou a morrer**. Se o objetivo de Jesus fosse simplesmente o de realizar este prodígio, o se alcance ter-se-ia restringido àquela situação. É o mesmo que diz Jesus acerca do sinal do pão multiplicado, à luz do qual Jesus convida a trabalhar por um outro tipo de pão e a aderir a ele como dador do Pão da Vida (cf. 6,22-27).

CONCLUSÃO (11,45-46)

- ◆ *45 Então, muitos dos judeus que tinham vindo a casa de Maria, ao verem o que Jesus fizera, acreditaram nele. 46 Alguns deles, porém, foram ter com os fariseus e contaram-lhes o que Jesus tinha feito.*
 - De novo, João refere **a ambivalência do sinal**, para aqueles que o presenciam. Para muitos, é ocasião de abrir os olhos e aderir a Jesus numa atitude de fé. Para outros, porém, o que aconteceu só confirma a rutura de Jesus com as autoridades, pois a vida revela-se fora das estruturas por elas estabelecidas. O ir contar aos fariseus, o que acontecera não parece ser o testemunho de quem viu sinais, mas uma delação que conduz à decisão das autoridades de eliminar Jesus.

11,47-57 Conspiração para matar Jesus

(Mt 26,57-68; Mc 14,53-65; Lc 23,66-71)

47 Os chefes dos sacerdotes e os fariseus convocaram então o Conselho e diziam: «Que havemos de fazer, dado que este homem realiza tantos sinais? 48 Se o deixarmos assim, todos acreditarão nele e virão os romanos e destruirão o nosso lugar santo e a nossa nação.»

49 Mas um deles, Caifás, que era Sumo Sacerdote naquele ano, disse-lhes: «Vós não entendeis nada! **50** Não compreendeis que é preferível para vós que morra um só homem pelo povo, e não pereça a nação inteira.» **51** Ele, porém, não disse isto por si mesmo, mas, por ser Sumo Sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus iria morrer pela nação. **52** E não só pela nação, mas também para congregar na unidade os filhos de Deus que estavam dispersos. **53** Assim, a partir desse dia, tomaram a decisão de dar-lhe a morte. **54** Por isso, Jesus já não andava em público, mas retirou-se dali para uma região próxima do deserto, para uma cidade chamada Efraim e lá permaneceu com os discípulos.

55 Estava próxima a Páscoa dos judeus e muitos subiram da [sua] região para Jerusalém, antes da Páscoa, a fim de se purificarem. **56** Procuravam então Jesus e perguntavam uns aos outros no templo: «Que vos parece? Ele não virá à Festa?» **57** Entretanto, os sumos sacerdotes e os fariseus tinham dado ordens para que, se alguém soubesse onde ele estava, o denunciasse, para o prenderem.

- A maioria dos **sinais de Jesus desencadeia um conflito com as autoridades**, num crescendo de intensidade que indica intenções e mesmo tentativas de eliminação de Jesus. Neste sinal maior, o conflito atinge também o seu ponto de não retorno, com a decisão oficial de matar Jesus. E a decisão é tomada pelo Conselho máximo da autoridade religiosa, o Sinédrio.
- Na caracterização feita por João, **as autoridades reconhecem que Jesus pratica sinais**: “*Que havemos de fazer, dado que este homem realiza tantos sinais?*” (11,47). Mas, como vimos anteriormente, eles não estão abertos a nenhuma intervenção de Deus fora da própria jurisdição. Paradoxalmente, Deus não tem lugar numa organização religiosa piramidal que se impõe autonomamente como poder e controlo.
- As **razões práticas desta visão limitada** das coisas propõem outras atitudes: “*Se o deixarmos assim, todos acreditarão nele e virão os romanos e destruirão o nosso lugar santo e a nossa nação*” (11,48)
- **A intervenção do Sumo Sacerdote** torna bem claras as preocupações de poder do Conselho e também o tipo de soluções políticas que propõe: “*Não compreendeis que é preferível para vós que morra um só homem pelo povo, e não pereça a nação inteira.*” (11,50).
- Ironicamente, João observa que, **sem o querer, até tinha razão**: “*por ser Sumo Sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus iria morrer pela nação. E não só pela nação, mas também para congregar na unidade os filhos de Deus que estavam dispersos*” (11,51s).
- “*Assim, a partir desse dia, tomaram a decisão de dar-lhe a morte*” (11,53)
- “*Por isso, Jesus já não andava em público, mas retirou-se dali para uma região próxima do deserto, para uma cidade chamada Efraim e lá permaneceu com os discípulos.*” (11,54).
- Entretanto, com a **proximidade da festa da Páscoa** (11,55), cresce na multidão a expectativa sobre se Jesus viria à festa (11,56) e as autoridades tomam providências, para porem em ação um plano para prender Jesus (11,56s).

12,1-11 *Unção em Betânia (A última semana de Jesus)*

(Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Lc 7,36-50)

12,1 Então Jesus, seis dias antes da Páscoa, foi a Betânia, onde vivia Lázaro, que ele tinha ressuscitado dos mortos. **2** Ofereceram-lhe lá um jantar. Marta servia e Lázaro era um dos que estavam reclinados com ele à mesa. **3** Então, Maria ungiu os pés de Jesus com uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, e enxugou-lhos com os seus cabelos. A casa encheu-se com a fragrância do perfume. **4** Disse Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, aquele que estava prestes a entregá-lo: **5** «Por que razão não se vendeu este perfume por trezentos denários, e não se os deu aos pobres?» **6** Disse isto, porém, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa, tirava o que nela se deitava. **7** Disse então Jesus: «Deixa-a, para que ela o conserve para o dia da minha sepultura! **8** De facto, os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim não me tendes sempre.»

9 Uma grande multidão de judeus, soube que ele estava ali e acorreu, não só por causa de Jesus, mas também para ver Lázaro, que ele tinha ressuscitado dos mortos. **10** Os chefes dos sacerdotes decidiram, então, matar também a Lázaro, **11** porque muitos judeus, por causa dele, abandonavam os judeus e acreditavam em Jesus.

♦ **12,1** Então Jesus, seis dias antes da Páscoa, foi a Betânia, onde vivia Lázaro, que ele tinha ressuscitado dos mortos. **2** Ofereceram-lhe lá um jantar. Marta servia e Lázaro era um dos que estavam reclinados com ele à mesa.

- Este **episódio é comum aos quatro evangelhos**, embora subsistam detalhes diferentes. Mateus e Marcos situam-no no contexto da Páscoa e em relação com a sepultura de Jesus. Lucas, dá-lhe outro enquadramento, em relação com a abertura de Jesus aos pecadores. João recebeu, portanto, esta tradição dos sinóticos e inseriu-a no seu projeto, seguindo provavelmente sobretudo a versão de Marcos, dados os detalhes comuns que têm as duas narrações.
- O **começo da semana da Páscoa de Jesus**: “*seis dias antes da Páscoa*” coloca este episódio numa perspetiva importante para a compreensão de todo o evangelho. A primeira semana, como vimos, convergia para o primeiro sinal de Jesus, em Caná da Galileia, onde Jesus anuncia a sua “*hora*”, durante uma festa de casamento. Neste momento, a referência à Páscoa a narração do próprio jantar e o anúncio explícito de Jesus – “*Chegou a hora de o Filho do Homem ser glorificado*” (12,23) – dão uma particular importância a esta refeição. Os seis dias antes da Páscoa são, pois uma indicação que lança uma luz importante sobre o texto, de modo que seja lido à luz da morte e ressurreição de Jesus.
- Na mesma linha se encontra **o local e os personagens**: Estamos em Betânia, já próximo de Jerusalém, onde Jesus virá agora abertamente para se revelar como aquele que o Pai enviou. Mas Betânia e a família de amigos, especialmente Lázaro, que “*era um dos que estavam com ele à mesa*”, recorda o maior sinal de Jesus: a ressurreição de Lázaro, que é interpretada pelo próprio Jesus como ligada com a “*hora*” da sua glorificação.
- O **enquadramento desta refeição é muito rico de significado** e abre-se a toda a simbologia do evangelho de João. Esta é a casa daqueles de quem Jesus é amigo. Aqueles que foram especialmente beneficiados pela sua presença de vida e que foram levados a entender o

novo significado da Vida, no grande sinal do chamamento de Lázaro, que jazia no túmulo. Eles agradecem convidando Jesus para uma refeição. São a imagem da Igreja, a comunidade de Jesus, que agradece o amor de Jesus que constantemente lhe dá vida e a visita no seu amor.

- **Lázaro** está presente como sinal daqueles (todos) os que foram agraciados pelo dom gratuito da vida e agora estão com Jesus à mesa. Significa o seu regresso à vida e ao convívio da família. Mas o estar “*reclinado*”, alude também à festa da Páscoa, em que, entre as famílias que o podiam, eram aconselhadas e comer nesse modo romano, para significar o caráter de libertação que a Páscoa celebrava. Por isso, este banquete tem igualmente um sentido escatológico, pois esta é uma família/comunidade que já foi tocada pela força revivificadora da presença de Jesus.
 - **Marta e Maria**, duas mulheres é que dirigem esta família/comunidade daqueles que Jesus ama. E como é que gerem: no serviço e no amor (o perfume). Elas espelham o que é uma comunidade que nasce do amor de Deus.
 - O seu papel diligente, acolhedor, imbuído da fé e da gratidão para com o Senhor e o serviço dos irmãos, é **um desafio para a Igreja**, para abrir-se à participação de todos na vida da comunidade e dar espaço a todos e a todas na preparação e participação no banquete de Deus para toda a comunidade. Na realidade, em toda a narração, Marta e Maria são um exemplo da verdadeira liderança eclesial.
- ◆ *3 Então, Maria ungiu os pés de Jesus com uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, e enxugou-lhos com os seus cabelos. A casa encheu-se com a fragrância do perfume.*
- O **gesto de Maria é particularmente colocado em foco** na narração. A preciosidade do nardo puro e o perfume que enche a sala dão o sentido bem acolhedor, feminino e afetuoso do agradecimento pelo dom da vida. No meio das manobras conflituosas e homicidas que circundam Jesus, o gesto de Maria assume a posição simbólica do amor gratuito e agradecido pelo dom da vida que Jesus traz.
 - O gesto **está cheio de simbolismo**. O perfume é símbolo do amor, da gratuidade e recorda o Cântico dos Cânticos (cf. Ct 2,13; 4,10). O lavar os pés, além de uma referência antecipadora do gesto de Jesus na última ceia (13,1-20), assume-se como gesto de deferência e de carinho, enquanto o enxugar os pés com os cabelos, tem uma evocação de intimidade sponsal.
 - Enquanto outros líderes religiosos maquinam planos de perseguição e morte, o gesto de **Maria exprime a ser Igreja que compreende o amor do Senhor e lhe responde** no mesmo tom.
- ◆ *4 Disse Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, aquele que estava prestes a entregá-lo: 5 Por que razão não se vendeu este perfume por trezentos denários, e não se os deu aos pobres? 6 Disse isto, porém, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa, tirava o que nela se deitava.*
- Mas **o gesto carinhoso e gentil de Maria não tem a aprovação de todos**, como sucede também nas narrações dos sinóticos. Aqui, a objeção vem de Judas, cuja imagem é claramente denegrida, para além da entrega de Jesus, com a acusação de ser ladrão e de

roubar o que se metia na bolsa à sua guarda. A presença afetuosa desta mulher, em todos os evangelhos, perturba as instâncias do poder. Será que se a Igreja fosse mais feminina poderia abrir-se mais ao Deus do amor do que ao poder?

- **A questão da ajuda aos pobres em contraste com o esbanjamento do perfume** faz parte da tradição narrativa do episódio. Nos sinóticos são os discípulos ou alguns deles que protestam por esta prodigalidade do perfume.
- ◆ *7 Disse então Jesus: Deixa-a, para que ela o conserve para o dia da minha sepultura! 8 De facto, os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim não me tendes sempre.*
- **Jesus percebe o afeto de gratidão da irmã de Lázaro** e dá uma resposta com três elementos: Primeiro manda que não impeçam a beleza do ato de Maria, que inebria de perfume a sala e os convivas. Marcos diz mesmo, que Jesus coloca este gesto para com Ele como elemento indispensável no anúncio do Evangelho: *“em qualquer parte do mundo onde for proclamado o Evangelho, há de contar-se também, em sua memória, o que ela fez.”* (Mc 14,7).
- Interpreta, depois, **o gesto como memória da sua morte**, oferecida como dom de amor para com os seus. Maria responde com amor a esse amor total de Jesus. Esse é aliás o primeiro mandamento da Lei retomado por Jesus: *“amarás o Senhor teu Deus”*. Deus não é simplesmente uma “máquina de salvação”. E quem não entender e responder ao amor de Deus com amor, não consegue entrar na lógica do Evangelho.
- Finalmente Jesus responde também à **falsa sensibilidade para com os pobres**. *“Os pobres sempre os tendes convosco”*, não quer dizer habituação ao facto de haver pobres e deixá-los sempre assim. A observação de Jesus liga-se precisamente com todo o ambiente que o perfume criou. Sem a atitude de reconhecimento do amor de Jesus e sem a resposta de afeto e gratidão a esse amor, os pobres, que sempre estarão presentes, não serão bem atendidos. Poderemos ter muitas instituições eficientes, mas não responderemos à sede de amor e de vida da humanidade.
- ◆ *9 Uma grande multidão de judeus, soube que ele estava ali e acorreu, não só por causa de Jesus, mas também para ver Lázaro, que ele tinha ressuscitado dos mortos. 10 Os chefes dos sacerdotes decidiram, então, matar também a Lázaro, 11 porque muitos judeus, por causa dele, abandonavam os judeus e acreditavam em Jesus.*
- De novo, este sinal de Jesus e da sua comunidade alarma as autoridades, pela curiosidade e adesão de muitos judeus. O resultado é uma decisão de matar também Lázaro, pois era causa dessa adesão de muitos. A perseguição a Jesus vai envolver também a daqueles de quem ele é amigo. Ser amado por Jesus pode ser perigoso: leva a atitude que incomodam muita gente.

12,12-19 Entrada messiânica em Jerusalém

(Mt 21,1-11; Mc 11,1-11; Lc 19,29-40)

12 No dia seguinte, a grande multidão que tinha vindo para a Festa, ao ouvir que Jesus estava a chegar a Jerusalém, **13** pegou em ramos de palmeira e saiu-lhe ao encontro, clamando: «Hossana! Bendito o que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel!» **14** Jesus encontrou um

jumentinho e sentou-se nele, conforme está escrito: 15 «Não temas, Filha de Sião, olha o teu Rei que chega sentado no filho de uma jumenta.»

16 No princípio, os seus discípulos não compreenderam isto. Mas quando Jesus foi glorificado, lembraram-se que estas coisas estavam escritas acerca dele e que foi isso que lhe fizeram.

17 A multidão que tinham estado com ele quando chamou Lázaro do túmulo e o ressuscitou dos mortos testemunhava o que tinha visto. 18 Também por isso a multidão veio ter com ele: por ter ouvido que tinha realizado aquele sinal. 19 Então, os fariseus disseram entre si: «Vedes que não conseguis nada? Olhai como todo o mundo foi atrás dele!»

◆ *12 No dia seguinte, a grande multidão que tinha vindo para a Festa, ao ouvir que Jesus estava a chegar a Jerusalém, 13 pegou em ramos de palmeira e saiu-lhe ao encontro, clamando: Hossana! Bendito o que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel! 14 Jesus encontrou um jumentinho e sentou-se nele, conforme está escrito: 15 Não temas, Filha de Sião, olha o teu Rei que chega sentado no filho de uma jumenta.*

- Depois da unção em Betânia, **Jesus toma decididamente a estrada para Jerusalém**. Agora é a altura de concluir a sua missão, consciente de tudo o que os chefes estão a tramar contara ele.
- **A multidão que estava a chegar para a festa vai ao encontro de Jesus**, e organiza uma recepção festiva e espontânea. Nos sinóticos, esta manifestação é preparada por Jesus, que manda preparar o jumento simbólico do rei de paz. Além disso, a entrada em Jerusalém culmina, nos sinóticos, com a entrada no templo e a expulsão dos vendedores. João colocou este episódio no início do evangelho, dando-lhe, por isso, uma conotação que soa também aqui. Agora Jesus é o novo templo e as multidões saem da cidade santa, para ir ao seu encontro.
- **O grito de aclamação** é uma citação do Sl 118,25s; *“Senhor, salva-nos! (hôshyiah-n’á), Senhor, dá-nos a vitória! Bendito o que vem em nome do Senhor!”*. No contexto o gesto e a aclamação, particularmente a aclamação de Jesus com “Rei de Israel”, tem uma clara conotação messiânica.
- O elemento do **jumentinho alude a vários textos bíblicos**, particularmente Zc 9,9: *“Exulta de alegria, filha de Sião! Solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti; Ele é justo e vitorioso; vem, humilde, montado num jumento, sobre um jumentinho, filho de uma jumenta”* (cf. Is 40,9; Sf, 3,14s). O jumento é, na Palestina, o animal doméstico dos pobres, em contraste com o cavalo que é o animal dos militares e dos grandes. A profecia de Zacarias, projeta nos tempos futuros o cansaço pelas manobras dos poderosos e a vinda de um rei humilde e montado num jumentinho.

◆ *16 No princípio, os seus discípulos não compreenderam isto. Mas quando Jesus foi glorificado, lembraram-se que estas coisas estavam escritas acerca dele e que foi isso que lhe fizeram.*

- **Os discípulos participam na manifestação de apoio a Jesus, mas não compreendem** o seu alcance nem o estilo de Messias e Rei que é Jesus. Isso só se tornou claro depois da glorificação de Jesus e da hora que manifesta qual é o tipo da sua glória.

- Para João, **não se entende o evangelho se não a partir da “hora” de Jesus**. Estes passos para a Páscoa são importantes para perceber a realização das profecias, mas a realidade será de uma criadora novidade.
- ◆ *17 A multidão que tinham estado com ele quando chamou Lázaro do túmulo e o ressuscitou dos mortos testemunhava o que tinha visto. 18 Também por isso a multidão veio ter com ele: por ter ouvido que tinha realizado aquele sinal. 19 Então, os fariseus disseram entre si: Vedes que não conseguis nada? Olhai como todo o mundo foi atrás dele!*
 - O **sinal de Lázaro continua a ser mobilizador da multidão**, tanto dos que presenciaram e testemunham, como dos que são atingidos por esse testemunho.
 - *Perante isto, os chefes sentem-se superados pela adesão da multidão. A expressão final “o mundo (ho cosmos) foi atrás dele”.*
 - A manifestação da **multidão que procura Jesus** significa a sua sede de sentido e de busca. Por outro lado, a aclamação a Jesus é correta secundo a tradição, mas não corresponde ao tipo de Messias que ele é. A narração toma um curso muito próprio de revelação de Jesus a esta multidão, começando por purificar a forma de entender a sua missão.

12,20-36 Gregos procuram ver Jesus; Chegou a “Hora”

20 Havia alguns gregos entre os que tinham subido a Jerusalém para adorar, na Festa. 21 Estes foram ter com Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e pediram-lhe: «Senhor, queremos ver Jesus!» 22 Filipe foi dizer a André e André e Filipe foram dizê-lo a Jesus.

23 Jesus respondeu-lhes: «Chegou a hora de o Filho do Homem ser glorificado. 24 Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, que cai à terra, não morrer, permanece ele só; mas, se morrer, dá muito fruto. 25 Quem ama a sua vida, perde-a; mas quem despreza a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna. 26 Se alguém me serve, siga-me; e onde eu estiver, aí estará também o meu servo. Se alguém me serve, o Pai o honrará.

27 Agora a minha alma está perturbada. E que hei de dizer? Pai, livra-me desta hora? Mas para isto é que Eu vim, para esta hora. 28 Pai, glorifica o teu nome!» Veio, então, uma voz do céu: «Glorifiquei e de novo glorificarei!»

29 A multidão que estava presente e escutara, dizia que tinha sido um trovão. Outros diziam: «Foi um Anjo que lhe falou!» 30 Jesus afirmou: «Esta voz não veio por causa de mim, mas por causa de vós. 31 Agora é o julgamento deste mundo; agora é que o dominador deste mundo vai ser lançado fora. 32 E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim.»

33 Dizia isto assinalando de que género de morte havia de morrer. 34 A multidão replicou-lhe: «Nós ouvimos da Lei que o Cristo permanece para sempre. Como dizes Tu que o Filho do Homem deve ser levantado? Quem é esse Filho do Homem?» 35 Jesus respondeu-lhes: «Por um pouco de tempo ainda, a Luz está no meio de vós. Caminhai enquanto tendes a Luz, de modo que as trevas não vos apanhem, pois quem caminha nas trevas não sabe para onde vai. 36 Enquanto tendes a Luz, acreditai na Luz, para vos tornardes filhos da Luz.» Jesus disse estas coisas, depois retirou-se e ocultou-se deles.

- ◆ *20 Havia alguns gregos entre os que tinham subido a Jerusalém para adorar, na Festa. 21 Estes foram ter com Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e pediram-lhe: Senhor, queremos ver Jesus! 22 Filipe foi dizer a André e André e Filipe foram dizê-lo a Jesus.*
- **Os gregos** que querem ver Jesus são provavelmente não judeus, prosélitos ou “tementes a Deus”, que procuram chegar a Jesus por intermédio dos dois apóstolos, Filipe e André.
 - **Os nomes gregos dos dois discípulos** indiciam possivelmente uma sensibilidade mais aberta e com um papel conhecido na comunidade como voltado para os pagãos.
 - Os gregos representam **uma dimensão nova daqueles que beneficiarão da glorificação de Jesus**. Eles fazem parte desse “*mundo*” (cosmos) que vai atrás de Jesus (12,19).
- ◆ *23 Jesus respondeu-lhes: Chegou a hora de o Filho do Homem ser glorificado. 24 Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, que cai à terra, não morrer, permanece ele só; mas, se morrer, dá muito fruto. 25 Quem ama a sua vida, perde-a; mas quem despreza a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna. 26 Se alguém me serve, siga-me; e onde eu estiver, aí estará também o meu servo. Se alguém me serve, o Pai o honrará.*
- Jesus não responde à notícia sobre os gregos que o queriam ver, **mas interpreta toda a cena numa outra direção**, chamando a atenção sobre o que tudo isto significa: “*Chegou a hora de o Filho do Homem ser glorificado*”. Mas imediatamente dá um sentido preciso à glória.
 - Primeiro: **a sua glória estará em passar pela terra da morte**, para que novo e abundante fruto possa nascer: “*se o grão de trigo, que cai à terra, não morrer, permanece ele só; mas, se morrer, dá muito fruto*”.
 - A segunda dimensão da glória tem a ver com **o dom da vida, expresso em amar ou odiar/desprezar**: “*Quem ama a sua vida, perde-a; mas quem despreza a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna*”.
 - O **discipulado, com serviço e seguimento de Jesus**, como forma de estar com ele no dom da vida e no “ser honrado” pelo Pai: “*Se alguém me serve, siga-me; e onde eu estiver, aí estará também o meu servo. Se alguém me serve, o Pai o honrará*”.
- ◆ *27 Agora a minha alma está perturbada. E que hei de dizer? Pai, livra-me desta hora? Mas para isto é que Eu vim, para esta hora. 28 Pai, glorifica o teu nome! Veio, então, uma voz do céu: Glorifiquei e de novo glorificarei!*
- Perante a chegada da “**hora**” Jesus sente-se “**perturbado**”, como ficara diante do túmulo de Lázaro.
 - Por outro lado, Jesus **veio para realizar o projeto salvador do Pai e não recua**: “*para isto é que Eu vim, para esta hora*”.
 - Por isso, **exprime a vontade de cumprir** a verdadeira glorificação: “*Pai, glorifica o teu nome!*”. A glorificação de Jesus é também a glorificação do Pai. Esta expressão de Jesus corresponde à oração no Jardim das Oliveiras, na tradição dos sinóticos: “*não se faça o que eu quero, mas o que tu queres*” (cf. Mc 14,32,36 e paralelos).
 - **A voz do céu** continua no contexto da oração de Jesus, como a resposta à sua total oferta: “*Glorifiquei e de novo glorificarei!*”, que corresponde à presença reconfortante dos anjos

que acompanham a oração de Jesus. Como Jesus tinha sempre afirmado, a hora da glorificação revelará o grande amor do Pai que dá vida através do seu Filho.

- ◆ *29 A multidão que estava presente e escutara, dizia que tinha sido um trovão. Outros diziam: Foi um Anjo que lhe falou! 30 Jesus afirmou: Esta voz não veio por causa de mim, mas por causa de vós. 31 Agora é o julgamento deste mundo; agora é que o dominador deste mundo vai ser lançado fora. 32 E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim.*
 - Jesus explica o papel da **voz, como testemunho do Pai em seu favor**. A hora representa um verdadeiro julgamento de pessoas, atitudes e valores. À luz da cruz e do dom Espírito, todos os valores, esperanças e sucessos têm de ser reavaliados.
 - Por isso, o **ser levantado na cruz significa o ponto de convergência da revelação da vida**.
- ◆ *33 Dizia isto assinalando de que género de morte havia de morrer. 34 A multidão replicou-lhe: Nós ouvimos da Lei que o Cristo permanece para sempre. Como dizes Tu que o Filho do Homem deve ser levantado? Quem é esse Filho do Homem? 35 Jesus respondeu-lhes: Por um pouco de tempo ainda, a Luz está no meio de vós. Caminhai enquanto tendes a Luz, de modo que as trevas não vos apanhem, pois quem caminha nas trevas não sabe para onde vai. 36 Enquanto tendes a Luz, acreditai na Luz, para vos tornardes filhos da Luz. Jesus disse estas coisas, depois retirou-se e ocultou-se deles.*
 - A multidão – como os discípulos – tem **dificuldade de entender**. Estão habituados a entender o Messias como um enviado vitorioso de Deus, cujo reino não terá fim. Esta linguagem de dar a vida, não se enquadra nesta perspetiva.
 - Jesus **repete o aviso da luz e das trevas**. Há que aproveitar a ocasião e aquele que Deus oferece como fonte de luz e sentido da vida.
 - Mas, também nesta multidão que busca, **instala-se o dissenso**. E Jesus retira-se e oculta-se preparando-se para a “hora” que se aproxima.

12,37-50 Incredulidade e julgamento (Conclusão do livro dos sinais)

37 Embora tivesse realizado diante deles tantos sinais, não acreditavam nele, 38 de modo que se cumpriu a palavra do profeta Isaías, que dissera: «Senhor, quem acreditou no que ouviu de nós? E a quem foi revelado o braço do Senhor?»

39 Por isso, não eram capazes de acreditar; pois Isaías dissera ainda: 40 «Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos e não entendam com o coração e não se convertam e eu os cure.» 41 Isto disse Isaías, porque viu a sua glória e falou acerca dele.

42 Apesar de tudo, também de entre os chefes, muitos acreditaram nele, mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da Sinagoga. 43 De facto, amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

44 Jesus levantou a voz e disse: «Quem acredita em mim não é em mim que acredita, mas naquele que me enviou; 45 e quem me vê a mim vê aquele que me enviou. 46 Eu vim ao mundo como luz, para que todo o que acredita em mim não permaneça nas trevas. 47 E se alguém

ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo, pois não vim para julgar o mundo, mas para o salvar. 48 Quem me rejeita e não aceita as minhas palavras tem quem o julgue: a palavra que eu anunciei, essa é que o há de julgar no último dia; 49 porque eu não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, é que me deu em mandamento o que devo dizer e do que devo falar. 50 E eu sei que o seu mandamento é vida eterna. Portanto, as coisas que Eu digo, digo-as como o Pai as disse a mim.»

- ◆ Os versículos 12,37-50 representam como que uma **conclusão do livro dos sinais** (Jo 2,1-12-50). Representa também um último apelo aos chefes do povo para aderirem ao convite do Pai e acolherem aquele que ele enviou.
 - O panorama global não é entusiasmador: *“Embora tivesse realizado diante deles tantos sinais, não acreditavam nele”* (12,37)
 - O **resultado da avaliação é visto como infidelidade**, segundo o testemunho dos profetas: *“Senhor, quem acreditou no que ouviu de nós? E a quem foi revelado o braço do Senhor?”* (Is 53,1); *“Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração...”* (Is 6,9s)
 - **Apesar de tudo, alguns dos chefes acreditaram**, mas não tiveram coragem de confessar a fé, para não serem excluídos da sinagoga (11,42s).
- ◆ Jesus toma a palavra e **resume os pontos fundamentais da sua mensagem e da sua missão**:
 - **Acreditar em Jesus é acreditar no Pai**, pois ele é a presença do Pai na terra: *“Quem acredita em mim não é em mim que acredita, mas naquele que me enviou; e quem me vê a mim vê aquele que me enviou”* (11,44s).
 - Jesus **veio como luz que guia no caminho da vida**: *“Eu vim ao mundo como luz, para que todo o que acredita em mim não permaneça nas trevas.”* (11,46).
 - O **acolhimento da palavra de Jesus é fundamental para a vida**. Por isso, a palavra é critério de discernimento e de validade: Sem a Palavra, a vida fica limitada à sua finitude: *“E se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo, pois não vim para julgar o mundo, mas para o salvar... a palavra que eu anunciei, essa é que o há de julgar no último dia”* (11,47s)